

O COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA CATARINENSE A PARTIR DOS RESULTADOS DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE 2000-2008¹

Ângelo Brião Zanela² – UNOCHAPECÓ, e-mail: abzanela@unochapeco.edu.br

Cássio Andrei Bortoluzzi³ - UNOCHAPECÓ, e-mail: cassio_bortoluzzi@yahoo.com.br

Rosemari Fátima Orłowski⁴ - UNOCHAPECÓ, e-mail: rosef@unochapeco.edu.br

RESUMO

As diversidade regional de Santa Catarina, seja ela por aspectos geográficos, sociais ou econômicos contribui para a dinamicidade de sua economia. Desde sua ocupação, as diferentes regiões foram se moldando em função das atividades econômicas nelas desenvolvidas. Atualmente o estado possui grande importância no cenário nacional no que tange ao comércio exterior. Neste sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar a implantação e formação dos setores alimentício, têxtil, metal-mecânico e cerâmico, além disso, identificar o comportamento desses setores no saldo da balança comercial do estado. O setor alimentício, atualmente base da economia do oeste catarinense, desenvolveu-se a partir da produção de excedente dos colonizadores que mais tarde passaram a fazer parte do processo de integração com as agroindústrias. O setor têxtil é o mais antigo no estado, no entanto será enormemente afetado com o processo de abertura comercial. O setor metal-mecânico surge a partir da necessidade da atividade ervateira e se consolida com a expansão da economia nacional a partir da década de setenta. O último setor analisado foi o cerâmico, que se desenvolve na região sul, tomando espaço da atividade carvoeira, é impulsionado pela expansão da construção civil, com a abertura comercial volta-se para o mercado interno. O processo de industrialização em Santa Catarina se intensifica com o processo de industrialização nacional, muito no sentido de atender às necessidades internas e posteriormente volta-se para a exportação. Da mesma forma, as políticas voltadas à desnacionalização da indústria irão se refletir no estado. Com a moeda nacional valorizada, medida adotada visando aumentar as importações e conter os preços internos, o saldo da balança comercial do estado se reduz drasticamente. Constatou-se que o processo de abertura comercial afetou de forma desigual os segmentos industriais, o setor têxtil foi o mais prejudicado. Entre os setores analisados, o alimentício e metal-mecânico ganharam espaço na balança comercial do estado, enquanto que se observou significativa retração nos setores têxtil e metal-mecânico.

Palavras-chave: indústria catarinense, Plano Real, balança comercial.

¹ Este artigo é parte da Monografia de Conclusão do Curso em Ciências Econômicas ‘O Comportamento da Indústria Catarinense a partir dos resultados da Balança Comercial entre 2000-2008’, elaborado pelo acadêmico Cássio Andrei Bortoluzzi sob orientação do Prof. Ângelo Brião Zanela. Esta Monografia recebeu a terceira colocação no XV Prêmio Catarinense de Economia 2010.

² Professor do Curso de Ciências Econômicas/Unochapecó, Mestre em Economia de Empresas.

³ Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas/Unochapecó.

1 INTRODUÇÃO

O estado catarinense é marcado por grandes diferenças regionais, sejam elas proporcionadas por aspectos geográficos (relevo, vegetação, clima), ou pela ocupação com a qual foram inseridas várias culturas e atividades produtivas. A partir dessa diversidade, Santa Catarina desenvolveu-se em vários setores da indústria, localizados nas diversas regiões, a partir das especificidades locais.

A expansão da indústria catarinense ocorreu em conformidade com as necessidades do mercado nacional, principalmente a partir da década de 1960. O grande impulso da industrialização, conforme Goularti Filho (2007) ocorreu no período de 1963 a 1980, que é quando o estado já apresenta uma estrutura industrial diversificada, mais competitiva e concentrada. Este salto na indústria de Santa Catarina foi resultado de experiências industriais positivas, da mão-de-obra e inovação por parte dos empresários. Ainda para o autor, os principais setores da indústria catarinense historicamente foram o extrativismo (erva-mate, carvão e madeira), o têxtil e o alimentício e mais tarde o cerâmico, papel, e metal-mecânico.

Atualmente o estado catarinense, apesar da pequena extensão territorial que ocupa, é responsável pela exportação nacional de diversos produtos, entre eles destacam-se: pedaços de miudezas, com 15,31% das exportações catarinenses em 2008; fumo 6,65%; moto compressor 4,96% e carne suína 3,86%. No ano de 2008, Santa Catarina representou 4,17% das exportações brasileiras ocupando a nona posição entre os estados exportadores e 4,59% das importações.

Diante deste cenário, o presente artigo tem como objetivo identificar os fatores que contribuíram para a formação das indústrias têxtil, alimentícia, cerâmica e metal-mecânica, bem como analisar a participação destes segmentos industriais na balança comercial do estado de Santa Catarina no período 2000-2008.

Os setores da indústria estudados nesse trabalho (alimentício, têxtil, cerâmico e metal-mecânico) são de grande importância para o desenvolvimento do estado, pois representam em torno de 60% do total dos produtos exportados nos últimos anos por Santa Catarina. O conhecimento da real representatividade dos setores industriais na produção estadual pode servir com subsídios para ações governamentais e investimentos privados. Por parte do governo, podem auxiliar na alocação de recursos ou até mesmo financiando e investindo em infra-estrutura, o que contribuirá para maior geração de empregos, renda à população e

⁴ Professora do Curso de Ciências Econômicas/Unochapecó, Mestre em Desenvolvimento Regional.

aumento de arrecadação ao setor público.

Para o desenvolvimento do trabalho, além das referências bibliográficas coletadas em livros, artigos e revistas especializadas, foram utilizados dados do Banco Central (BC), Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MDIC), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC), entre outros.

2. A FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA CATARINENSE

A indústria é vista por muitos administradores públicos, pesquisadores e pela maioria da própria população, como um fator fundamental para o crescimento e desenvolvimento de países, regiões e municípios. Sob este ponto de vista, espera-se que, com a presença de indústrias sejam ampliadas as oportunidades de emprego, criação e difusão de novas tecnologias, bem como a valorização do capital humano, envolvidos no processo.

No estado Catarinense, o processo de industrialização teve uma combinação de fatores naturais somados as características e aptidões dos colonizadores. Com o passar dos anos, a indústria que, em grande parte se iniciou para suprir as necessidades locais, passou a atender o mercado nacional e posteriormente expandiu-se para o mercado externo. A consolidação das indústrias se deu pela formação da pequena produção mercantil, outro fator importante foi a intensa industrialização no estado de São Paulo a partir de meados de 1950, que estimulou o crescimento das economias regionais, entre elas a de Santa Catarina. O bom desempenho da pequena produção mercantil foi possível graças ao estreitamento dos laços comerciais e produtivos com a economia nacional, bem como a participação dos imigrantes europeus que foi de grande importância para o desenvolvimento do estado.

É interessante perceber que, em Santa Catarina cada região do estado foi e ainda é caracterizada por um determinado segmento industrial. Citando como exemplo o setor de alimentos com forte predominância no oeste, o têxtil na região do Vale do Itajaí, o metal-mecânico no norte e no sul, o cerâmico, estas indústrias contribuem para o dinamismo do estado em todo seu território.

Analisando em um contexto mais histórico, percebe-se a importância de algumas medidas adotadas pelo governo catarinense, dentre as quais o Plano de Metas (1955/1960). Cunha (1992) cita que o governo incentivou indústrias do ramo dinâmico, produtores de bens de capital, bens de consumo durável e de consumo intermediário, visando atender déficits

surgidos da estrutura econômica anterior e também para satisfazer demandas adicionais, resultantes das metas fixadas no Plano.

Foi importante também o incentivo para industrialização devido ao processo de substituição de importações ocorrido no período de 1945 a 1957, quando foram privilegiados os bens de consumo imediato, e 1957 a 1961, com ênfase aos bens intermediários, de capital e de consumo durável.

No período de 1949 a 1959, ainda para Cunha (1992), os três gêneros predominantes (madeira, têxtil e alimentar), passaram de 72% em 1949 para 66,4% em 1959, nas exportações catarinenses. Isso porque as indústrias do setor dinâmico, como o metal-mecânico e cerâmico, nesse período ainda estavam em fase de implantação e estruturação, foi mais tarde que ganharam força. Embora nos anos 50 a 70 do século XX, a indústria catarinense teve crescimento abaixo dos índices nacionais, pode-se considerar seu desempenho como satisfatório, pois foi nesse período que grandes investimentos foram realizados e o estado começou a partir da adoção de novas tecnologias e pelo processo de substituição de importação, a se destacar no cenário nacional. Até esse período a economia catarinense tinha pouca participação no mercado interno e também nas exportações brasileiras, conforme comenta Bossle (1988, p. 20):

A província catarinense, na sua fase colonial de vida econômica, não se integrava diretamente no setor dinâmico do comércio exportador brasileiro, pelo fato de apresentar características divergentes desse setor. Seu papel era dirigido no sentido de atender as necessidades da colônia, não como produtor, mas como área de segurança, desenvolvendo, assim, uma função política importante de defesa, e uma função econômica secundária.

Comparando o desenvolvimento do estado de Santa Catarina com o Brasil, Mattos (1968, p. 147), comenta: “A baixa participação dos bens de capital, de consumo durável e dos intermediários que se vinculam tecnológica e economicamente aos primeiros, assemelha a estrutura industrial de Santa Catarina àquelas encontradas em economias com menor grau de desenvolvimento”.

O mesmo autor também fala em relação ao processo de industrialização brasileira: “Como foi nesta faixa de bens que ocorreu o processo de ‘substituição de importações’, Santa Catarina, por conseguinte, pouco se beneficiou dos fatores ‘exógenos’ que motivaram o aceleração industrial do País” (MATTOS, 1968, p.148).

Pode-se perceber que Santa Catarina, ao contrário dos demais estados brasileiros, pouco se beneficiou dos processos de industrialização nacional, isso se deve a pequena participação

nos bens de capital de consumo durável e dos intermediários.

2.1 Formação industrial dos setores selecionados

2.1.1 Alimentício

A indústria alimentícia historicamente foi a pioneira entre todos os ramos instalados em Santa Catarina, e ao longo do século 20 vem se diversificando e se consolidando no estado. Conforme cita Mattos (1968, p. 67):

[...] entre as diversas indústrias instaladas em Santa Catarina, a de produtos alimentares é a mais antiga, pois a sua história está intimamente ligada a vida dos pioneiros que para aqui vieram nas diversas tentativas de desbravamento do território e, posteriormente, com a instalação de vários núcleos de colonização.

A produção de alimentos em Santa Catarina, conforme Goularti Filho (2007), em seu início, sempre esteve ligada a algumas atividades agrícolas desenvolvidas pelos açorianos, como por exemplo, o cultivo da cana-de-açúcar, mandioca, farinha e do polvilho, e mais tarde na produção de banha, manteiga, queijo e salame. A produção por parte desses imigrantes, na maioria italianos, era praticada por pequenos proprietários, que produziam para sua subsistência e o excedente para comercialização.

Porém, foi na década de 1950, que ocorreu a expansão acelerada dos frigoríficos catarinenses, a agricultura deixa de ser vista de forma isolada e torna-se um ramo da indústria. É a fase em que as agroindústrias surgem com força, caracterizando o oeste catarinense e destacando-o para o Brasil neste segmento industrial. A partir dos anos de 1962, Goularti Filho (2007), identifica como o começo de “novo período em Santa Catarina”, que é quando o capital industrial passa a mover acumulação capitalista, é a partir daí que o complexo agroindustrial de carne, ganha ainda mais força. Nesse período ocorre também a subordinação da pequena propriedade ao grande capital agroindustrial.

As agroindústrias são as grandes responsáveis pelo o crescimento desse setor na indústria catarinense. São elas que estabelecem padrões de produção para os agricultores, quando estabelecem uma relação de dependência do agricultor junto à empresa. “As agroindústrias se diferenciam das demais empresas pelo controle total que conseguem manter sobre um outro produtor privado (agricultor), ditando as regras do jogo, de acordo com a necessidade de obtenção de matéria-prima” (ALBA, 2002, p. 31).

A região oeste do estado recebeu um grande auxílio por parte do setor público, foi montada uma estrutura financeira com disponibilidade de crédito onde as agroindústrias conseguiram se estruturar e se desenvolver. Esse incentivo tinha o intuito de desenvolver novas técnicas de produção, melhores sementes e melhoramento das raças.

A partir dos anos de 1990, ocorreu a desnacionalização parcial no complexo agroindustrial, comenta Goularti Filho (2007, p. 332):

Com a desvalorização cambial e a facilidade de entrada do capital externo para adquirir ativos nacionais, o complexo agroindustrial catarinense passou por uma reestruturação patrimonial em favor de multinacionais. Associado a esta desnacionalização, assistimos nos anos 1990 a uma redução no número de suinocultores e uma readaptação dos avicultores.

Mesmo com mudanças no sistema de produção excluindo grande número de agricultores integrados, a produção das agroindústrias continua aumentando, em função de implantação de novas tecnologias e exigências sanitárias que proporcionam significativo aumento de produtividade. O setor alimentício catarinense é de fundamental importância tanto para a economia catarinense como brasileira, sendo a região oeste referência para o mercado nacional, em função das agroindústrias de processamento de carnes localizadas na região.

2.1.2 Têxtil

Entre os setores analisados, pode-se dizer que a indústria têxtil é a mais antiga, tanto no Brasil como em Santa Catarina, teve sua instalação de forma organizada, conforme Mattos (1968) em 1908, na cidade de Brusque, onde foi estabelecida a primeira fiação de algodão do estado, a partir da iniciativa de Carlos Renaux (criador da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux).

A indústria têxtil, assim como o carro a vapor, o ferro e o carvão foram os ramos que conduziram a Primeira Revolução Industrial. Goularti Filho (2007), diz que a indústria têxtil apresentava fácil difusão técnica, pois não era necessário custo elevado para sua formação. Foi com esse pensamento de implantar uma indústria com tendência de crescimento, que muitos imigrantes europeus, principalmente alemães atravessaram o oceano Atlântico em busca de novos negócios.

Goularti Filho (2007, p. 94) também faz um comentário sobre vários elementos exógenos que consolidaram a expansão do setor:

[...] a) a queda das importações durante a Primeira Guerra; b) o crescimento urbano e a expansão

da renda promovida pelo complexo cafeeiro; c) a política cambial dos anos de 1920; d) a integração do mercado interno pós-1930; e) a queda das importações durante a Segunda Guerra. Portanto foi uma indústria que se adaptou rapidamente às exigências da demanda interna e conquistou de forma duradoura mercados cativos.

No período de 1945 a 1962, a indústria têxtil já estava consolidada no estado, o que ocorreu nesse período foi à expansão da produção por parte da ampliação da capacidade instalada e a abertura de novos negócios. De acordo com Mamigonian (1966, p. 104 *apud* GOULARTI FILHO, 2007, p. 94), essa integração técnica, sobretudo com a fabricação dos próprios teares e laçadeiras, foi, ao mesmo tempo, uma resposta da indústria local à falta de máquinas e equipamentos no mercado nacional e uma forma para enfrentar a concorrência.

O setor têxtil é muito sensível a qualquer variação na renda urbana, isso porque o vestuário, em muitos casos, acaba tornando-se um bem supérfluo, pelo fato de que uma peça pode durar algumas estações. É interessante perceber que na década de 70, ocorreu um grande aumento na produção, isso esteve ligado ao chamado “milagre econômico” e ao Plano desenvolvido pelo governo, o II PND que ocorreu no Brasil durante o ciclo militar. O setor também sentiu o grande impacto, mas desta vez negativo com a recessão de 81-83, que castigou duramente as fábricas e gerou desempregos. Após esse período manteve um nível elevado de produção até final de 1989.

O segmento têxtil em conjunto com o vestuário, foi o mais atingido após o processo de abertura comercial e sobrevalorização, ocorridos na década de 90. Com a abertura comercial, reduziram-se as alíquotas para importação, ocorreu que importando mais produtos acabados no ramo têxtil e vestuário, as exportações catarinenses caíram significativamente. Nesse período houve queda na produção e conseqüentemente aumento de desempregos.

As grandes empresas foram as que sofreram maiores impactos com essa alteração no cenário econômico nacional, inclusive levando algumas à falência. Para recuperar espaços no cenário econômico muitas empresas, começaram a utilizar novas estratégias para redução de custos, entre as alternativas houve a terceirização de parte de seu processo produtivo às empresas de menor porte, muitas que haviam sido criadas recentemente.

2.1.3 Metal-mecânico

Em Santa Catarina o crescimento da indústria metalúrgica, se dá após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e vai competir com o setor têxtil, que até então era tradicional em algumas cidades, o setor desenvolve-se principalmente em Joinville, Blumenau e Jaraguá do

Sul.

Mattos (1968) comenta que mesmo que o produto gerado pelo ramos metal-mecânico não alcançasse a expressão de outros ramos predominantes na época – como alimentício e têxtil –, por se tratar de um segmento mais dinâmico, teve seu crescimento num ritmo mais intenso em relação às outras áreas da indústria, no período de 1949 a 1962.

As primeiras iniciativas da indústria metal-mecânica no estado, ocorreram na região norte do estado, a partir da expansão das atividades ervateiras e da construção da estrada ‘Dona Francisca’.

Entendemos que a origem de um parque industrial deve ser buscada em múltiplas determinações. No caso de Joinville, não pode ser desconsiderado o papel impulsionador que teve o complexo ervateiro e, ao mesmo tempo, nem o dinamismo da pequena produção em se interagir na sua expansão. Também devem ser destacados o impulso inicial dado pela construção da Estrada Dona Francisca e depois pelo ramal ferroviário e companhias colonizadoras, e a importância do Porto de São Francisco do Sul, que transformaram Joinville em um centro comercial regional, abaixo apenas de Curitiba (GOULARTI FILHO, 2007, p. 154).

Pode-se destacar como importantes indústrias nesse setor: Fundação Tupy e Consul refrigeradores, em Joinville; Electro Aço e Altona S.A., em Blumenau; Weg Motores S.A., em Jaraguá do Sul. Mesmo essa região destacando-se como maior pólo metal-mecânico do Estado, com a presença de grandes indústrias, outros municípios também têm importância, como é o caso de Joaçaba, Criciúma, Brusque, Timbó, Rio do Sul e Caçador.

A indústria metal-mecânica em Santa Catarina, não surgiu apenas com iniciativas individuais. O governo foi o gestor para que isso ocorresse, financiando e investindo em infraestrutura, com esse auxílio por parte do governo, as empresas contribuíram para o desenvolvimento do estado, aumentando o nível de renda, gerando empregos e divisas internacionais.

Foi no período das décadas de 60 e 70 que o ramo metal-mecânico expandiu-se de forma mais intensa. Conforme Goularti Filho (2007), isso se deve basicamente a três fatores:

- a) o envolvimento da indústria local no “projeto nacional de industrialização”;
- b) o auxílio do estado no suprimento de energia, transporte, crédito e telefonia;
- c) a direção administrativa tomada pelas empresas de médio e grande porte.

A década de 80 foi sem muitos investimentos na indústria metal-mecânica do estado, assim como a maioria dos setores industriais do país, em decorrência da crise que afetou o país nesse período, caracterizando a famosa ‘década perdida’. A partir dos anos 90, o ramo se mostra cada vez mais sólido e consolidado, verificando-se um expressivo crescimento a partir

de 2001, quando foram criados, segundo Dieese (2009) de 2001 a 2008, 61.399 empregos, um aumento de 88,84%, devido à expansão desse segmento no mercado nacional.

2.1.4 Cerâmico

A formação econômica da indústria cerâmica catarinense tem como marco 1919, quando foi fundada, em Imbituba, uma fábrica de louças, que utilizavam técnicas trazidas da Itália. Algumas empresas do ramo cerâmico em seu início não tinham como foco especial este segmento, porém com o passar do tempo foram se aperfeiçoando e fazendo com que a região sul do estado tivesse destaque a nível nacional. Cunha (1992, p. 262), ainda cita:

O grupo Portobello, inicialmente alicerçado no plantio de cana e na fabricação de açúcar, evoluiu para o processamento de açúcar refinado e produção de álcool, bem como descentralizou a indústria de cerâmica de revestimento, implantando em Tijucas a terceira maior empresa cerâmica de revestimento (pisos) do País.

Durante as décadas de 60 e 70, surgiram várias empresas principalmente na região sul do estado, nos municípios de Tijucas, Urussanga, Criciúma, Cocal do Sul, Imbituba e Tubarão. Essa expansão se deve à presença de materiais valiosos no solo catarinense, no ramo de construção e habitação, tais como: tijolos, telhas, cal e cerâmica. Com o avanço do progresso industrial, desenvolveram-se técnicas para a produção de cerâmica fina, azulejos, conjuntos sanitários e mármores.

No início dos anos 1960, comenta Goularti Filho (2007), que havia também na região, pequenas fábricas de ladrilhos. O estado vai ser influenciado com a consolidação do setor em Santa Catarina, a partir do arranjo institucional financeiro que culminou com a criação do BNH (Banco Nacional de Habitação) e do SFH (Sistema Financeiro de Habitação), que alavancaram o setor da construção civil no país.

A década de 1970 foi marcada pela grande expansão de empresas no setor cerâmico, Criciúma que antes era conhecida como a “Capital Nacional do Carvão”, passa a partir de 1973 a ser conhecida também como a “Cidade dos Azulejos”. Durante esse período muitas empresas foram criadas, gerando mais renda e crescimento econômico para a região. A região sul do estado, que antes detinha suas atenções apenas para o mercado carbonífero, passa a contar com a indústria cerâmica em grande desenvolvimento para a época, isso se deve ao grande crescimento da construção civil ocorrido nesse período, porém, a partir de 1975 um processo de concentração e centralização, liderado por algumas grandes empresas, através da

aquisição de companhias menores.

Verifica-se que os períodos que mais castigam o setor cerâmico são aqueles cuja construção civil está em baixa. Os períodos mais críticos do setor, conforme Goularti Filho (2007) foram entre 1981-1983 e 1990-1992, devido ao desmonte completo do Sistema Nacional de Habitação. Cabe salientar que, o fortalecimento do setor de revestimentos cerâmicos, no sul de Santa Catarina, foi marcado por sua forma intelectual e ativa de atuar no mercado internacional. Para se ter uma idéia, as exportações de pisos e azulejos de Santa Catarina, era em torno de 9,0% das exportações brasileiras, em 1980. No final dessa mesma década representavam 28,7% e na virada do milênio, 25% das exportações nacionais. Os anos de 1990 caracterizam-se pela criação de novas empresas de pequeno e médio porte. Do ponto de vista do mercado, a cerâmica depende da prosperidade na construção do país.

3. A BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA, CATARINENSE E A PARTICIPAÇÃO DE SETORES INDUSTRIAIS SELECIONADOS

Para que se faça uma análise da evolução da balança comercial brasileira e catarinense no período de 2000 a 2008, é necessária uma breve contextualização em relação ao cenário macroeconômico das décadas anteriores, principalmente a partir do início da década de 1990. Foi neste período que a economia brasileira passou por importantes mudanças, é quando são implantadas as bases da abertura comercial, após diversos planos econômicos sem sucesso, o Plano Real atinge seus objetivos e contribui com a base das condições necessárias à retomada do desenvolvimento no país.

3.1 A indústria brasileira em um cenário macroeconômico de mudanças

Para que se entenda o cenário no qual a indústria brasileira inicia o século XXI, é necessário voltar um pouco no Brasil do século XX, mais precisamente na década de 90. Foi a partir da década de 90, o Brasil passou a intensificar os processos de abertura para o exterior, de incentivo às privatizações, de renegociação da dívida externa e de desregulamentação do mercado. A implantação do Plano Real pode ser considerada um marco importante pois, reanimou a situação financeira do Brasil, mesmo não sendo tão favorável no início, era considerada melhor com relação aos planos anteriores, como destacado por Belluzzo e Almeida (2002, p. 364): “[...] na partida do Plano Real, a situação financeira do setor público brasileiro era invejável, uma vantagem que nenhum dos planos anteriores pudera almejar”.

Com o câmbio valorizado e juros altos, a economia segue uma trajetória de baixo crescimento. O pequeno crescimento ainda foi resultado de crises no mercado externo, principalmente em economias emergentes, gerando assim o aumento no desemprego. Os regimes cambiais e monetários do Plano geraram ainda grandes perdas em vários setores da indústria, principalmente nos ramos metal-mecânico, eletroeletrônico e químico.

Com relação à política industrial o principal instrumento foi a política macroeconômica: Políticas Industriais, Tecnológicas e de Comércio Exterior, Plano Plurianual com o objetivo de reduzir o custo-Brasil e ações para o aumento da competitividade da indústria brasileira. Dentre os principais mecanismos macroeconômicos utilizados pelo governo, Beluzzo e Almeida (2002), citam:

- Uma política monetária restritiva com forte impacto na taxa de juros e na taxa de câmbio;
- Política fiscal que atua na redução dos gastos governamentais, visando conter os déficits públicos;
- Criação da âncora cambial: a nova moeda nasceu presa a cotação do dólar, e depois passou por um processo de sobrevalorização;
- Com a sobrevalorização do Real estimularam-se as importações e desestimularam-se as exportações;
- A queda no ritmo da inflação a partir do Plano Real, devolveu o que era chamado “imposto inflacionário” para a classe trabalhadora, dessa forma aumentando o nível da demanda agregada.

O desempenho negativo das exportações brasileiras, segundo Lacerda *et al.* (2005), se deve à mudança estrutural da economia brasileira. A redução das alíquotas tarifárias e o dólar com valor baixo estimularam o aumento das importações, com isso a exportação nesse período não era um bom negócio.

Após a introdução do Plano Real em 1994, as importações aumentaram nos primeiros quatro anos em 143%, enquanto as exportações mostram uma situação totalmente diferente, com um aumento de 37%, no mesmo período. Agravando assim o déficit comercial do país. Nos anos de 1998 e 1999, o Brasil teve que recorrer ao FMI, a fim de alinhar suas dívidas, devido às crises no mercado externo. Esse agravamento no mercado brasileiro continuou até 2001. As indústrias catarinenses também são afetadas pelo cenário macroeconômico nacional., os reflexos ocorrem em maior ou menor intensidade, em muitos de forma tão intensa, exigindo uma grande reestruturação dos setores, para que possam continuar desenvolvendo suas atividades.

3.1 Taxa de câmbio e balança comercial brasileira

Com a abertura comercial, a desnacionalização e a dinâmica de crescimento, propostas a partir da década de 90, pretendia-se colocar em prática uma alternativa ao desenvolvimentismo através da concorrência gerada com o novo processo. A globalização da atividade econômica conforme explica Carneiro (2002), iria superar a dicotomia do mercado interno *versus* mercado externo, com especialização local em certos segmentos que gerassem maior valor agregado. Pode-se dizer que a atividade industrial instalada em qualquer país visaria primeiramente atender o mercado interno para logo após voltar-se ao mercado global, analisando o que seria mais rentável a partir da análise de suas vantagens comparativas.

Durante grande parte da década de 90, notou-se uma valorização da taxa de câmbio real e efetiva. A taxa com relação ao dólar apreciou-se rapidamente em 1994 e a partir daí manteve níveis elevados até a desvalorização e flutuação em 1999. Nesse período, o saldo da balança em conta corrente ficou negativo, em virtude desse aumento nas importações e diminuição das exportações, o que se deve ao fato de que estes eram financiamentos com novo endividamento externo e com a entrada de capitais na forma de investimento direto estrangeiro, a acumulação de estoques de passivos externos, implicava em pagamentos crescentes de juros e dividendos.

Com o país buscando auxílio do FMI em anos anteriores, e com uma dívida externa elevada, visando fortalecer o mercado interno, foi utilizada a partir dos anos 2000 uma política com incentivo às exportações, deixando o Real desvalorizado frente às outras moedas. A tabela 1 apresenta as taxas de câmbio que comprovam esse comportamento da moeda com relação aos anos anteriores.

É possível verificar que até o ano 2000, havia um certo cuidado com o Real valorizado, incentivando basicamente as importações e deixando as exportações, de certa forma de lado. O que se observa também é que, após esse período com grande endividamento externo, o governo estimula as exportações com uma moeda menos valorizada, aumentando assim o saldo da balança comercial.

Algumas variações mostradas na tabela 1, é que no ano de 1995 o Real valia 0,92 dólares, já no ano 2000 para comprar um dólar eram necessários 1,83 Reais. Porém, o que mais chama a atenção é o comportamento no ano de 2003 onde o Real muito desvalorizado, fazia com que, para cada dólar comprado fosse necessário desembolsar 3,07 Reais. No fim do período analisado nesse estudo, o Real custava 1,84 por dólar adquirido, isso em 2008.

Tabela 1 – Índices das Taxas de Câmbio praticadas no Brasil, entre 1995 a 2009.

Ano	Real/Dólar
1995	0,92
1996	1,00
1997	1,08
1998	1,16
1999	1,84
2000	1,83
2001	2,35
2002	2,93
2003	3,07
2004	2,92
2005	2,43
2006	2,18
2007	1,95
2008	1,84
2009	1,99

Fonte: Elaboração própria segundo Dados do Banco Central – Taxa Nominal (2010).

Em meio a este cenário adverso, com riscos para o país de todos os lados, incentivou-se principalmente a partir de 2002/2003, com a entrada do governo Lula, a retomada da boa visibilidade do Brasil para com os outros países, principalmente no que diz respeito às exportações, cujos destinos principais eram a União Européia, a Ásia, os Estados Unidos, também foram intensificadas as negociações no Mercosul. As negociações no mercado mundial foram positivas, como pode-se verificar na tabela 2, onde observa-se que o saldo da balança comercial aumentou significativamente, nos anos de 2002 a 2008, apesar da queda registrada em 2008, como reflexo da crise mundial.

Tabela 2 – Balança Comercial brasileira – 2002-2008 (US\$ 1000/FOB).

Ano	Saldo Balança Comercial	Importações	Exportações
2000	-731.743	55.850.663	55.118.920
2001	2.684.835	55.601.758	58.286.593
2002	13.195.999	47.242.654	60.438.653
2003	24.877.655	48.325.567	73.203.222
2004	33.841.882	62.835.616	96.677.497
2005	44.928.809	73.600.376	118.529.184
2006	46.456.629	91.350.841	137.807.470
2007	40.031.627	120.617.446	160.649.073
2008	24.967.377	172.975.066	197.942.443

Fonte: Elaboração própria segundo dados do MDIC (2010).

Com uma visão globalizada do governo brasileiro, cujo objetivo era em médio prazo o

acúmulo de reservas (o que de fato ocorreu anos depois), o país mostra a partir dos dados, que pode sim reverter situações consideradas difíceis, percebe-se que ano após ano o aumento no saldo da balança comercial aconteceu de forma gradual.

3.2 Santa Catarina e sua participação na balança comercial brasileira

Santa Catarina sempre esteve entre os principais estados participantes da balança comercial brasileira, seja com produtos importados ou exportados, fato que deve-se a sua estrutura interna bastante diversificada. A tabela 3 apresenta dados que comprovam esta afirmação.

Analisando a tabela 3 constata-se que o estado de Santa Catarina, no período entre 2000 a 2008 esteve com uma participação média de 4,81% do total das exportações brasileiras e 2,80% do total das importações. O que chama atenção é o comportamento crescente nesse período das importações catarinenses, onde no ano 2000 era de 1,71% saltando no ano de 2008 para 4,59%. Esse comportamento não ocorre para exportações, que, ao longo desse período sofre pequena variação, com o percentual 4,92% em 2000, após crescer por algum período, fecha 2008 com 4,17%.

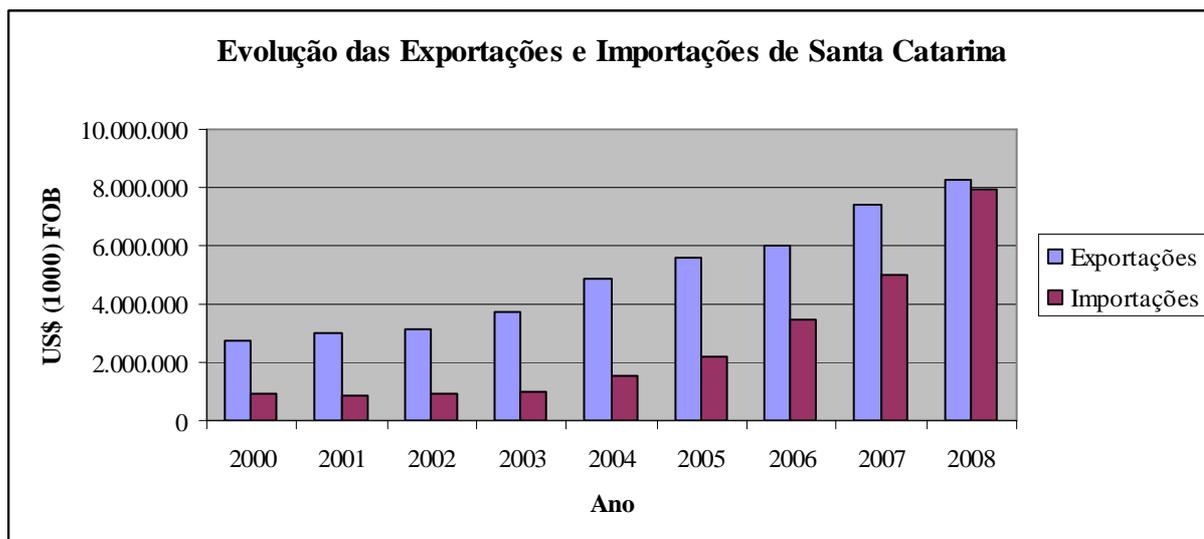
Tabela 3 – Participação de Santa Catarina na Balança Comercial Brasileira (US\$ 1.000 FOB).

Ano	Exportação			Importação		
	Brasil	SC	%	Brasil	SC	%
2000	55.118.920	2.712.493	4,92	55.850.663	957.170	1,71
2001	58.286.593	3.031.172	5,20	55.601.758	860.394	1,54
2002	60.438.653	3.160.456	5,22	47.242.654	931.395	1,97
2003	73.203.222	3.701.854	5,05	48.325.567	993.810	2,05
2004	96.677.497	4.862.608	5,03	62.835.616	1.508.950	2,40
2005	118.529.184	5.594.239	4,72	73.600.376	2.188.540	2,97
2006	137.807.470	5.982.112	4,34	91.350.841	3.468.768	3,79
2007	160.649.073	7.381.839	4,59	120.617.446	5.000.221	4,14
2008	197.942.443	8.256.219	4,17	172.975.066	7.940.751	4,59

Fonte: Elaboração própria segundo dados do MDIC (2010).

Na figura 1, pode-se visualizar a que as exportações mantêm uma média crescente, em nível pouco significativo se compararmos com as importações. Por sua vez, as importações apresentam uma tendência crescente ao longo do período analisado, chegando em 2008 (em valores), a um patamar semelhante às exportações.

Figura 1 – Comportamento das exportações e importações em Santa Catarina – 2000 a 2008.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos junto ao MDIC (2009).

A figura 1 mostra que no período analisado, ocorre em Santa Catarina um movimento semelhante ao do Brasil, ou seja, desvalorização da moeda no início do período em análise e posteriormente valorização da moeda que beneficia/incentiva as importações. A taxa de juros é mantida elevada por longo período, com o objetivo de controlar a inflação, o contrário acontece com os outros países, onde a taxa de juros se mantém em níveis bem abaixo dos praticados pelo Brasil. Com isso, percebe-se a entrada de capital externo, através do IED (Investimento Estrangeiro Direto), isso determina valorização do real perante o dólar, gerando o efeito que é analisado na figura 1, onde em todo o período a importação é menor que a exportação, o que ocorre é as importações crescem em porcentagem maior que as exportações.

Outros fatores que foram importantes para o país no sentido de atrair capital externo e incentivar as importações, foram o risco-país baixo e o aumento da demanda interna. No período a partir de 2000 o risco-país diminuiu, gerando mais segurança para os investidores estrangeiros, quando muitos que haviam se retirado do país voltam a acreditar na economia brasileira. O aumento da demanda interna faz com que o governo adote políticas fiscais e monetárias a fim de incentivar as importações, pois o consumo das famílias e das empresas, por exemplo, faz com que a produção nacional não seja suficiente para atendê-las.

3.2.1 Participação dos setores selecionados na Balança Comercial catarinense

Os quatro setores analisados nesse estudo – metal-mecânico, alimentício, têxtil e

cerâmico – representam uma porcentagem significativa no saldo da balança comercial catarinense, principalmente para as exportações do estado. Com a consolidação e fortalecimento do Plano Real em 2000, parte dos segmentos industriais assim como a maioria dos produtos brasileiros comercializados internacionalmente, aumentaram significativamente suas participações no comércio internacional, gerando mais ganho para o estado. Cabe ressaltar que as análises tanto da tabela 4 como da tabela 5, tratam-se apenas dos 100 principais produtos importados e exportados do estado de Santa Catarina. A tabela 4 apresenta o comportamento desses setores e comprova sua importância para as exportações catarinenses a partir do ano 2000.

Tabela 4 – Participação (%) dos setores, alimentício, metal-mecânico, têxtil e cerâmico entre os 100 produtos mais exportados por Santa Catarina no período 2000-2008.

Ano	Alimentício (%)	Metal-mecânico (%)	Têxtil (%)	Cerâmico (%)	Total (%)
2000	32,14	20,92	7,51	4,21	64,78
2001	30,57	20,50	7,54	4,52	63,13
2002	30,55	20,75	6,63	4,52	62,45
2003	30,27	22,13	6,58	4,43	63,41
2004	29,27	21,35	5,30	4,24	60,16
2005	32,35	21,75	4,29	4,15	62,54
2006	25,54	24,07	3,20	3,91	56,72
2007	33,56	23,30	2,21	2,84	61,91
2008	36,36	23,46	1,37	2,37	63,56

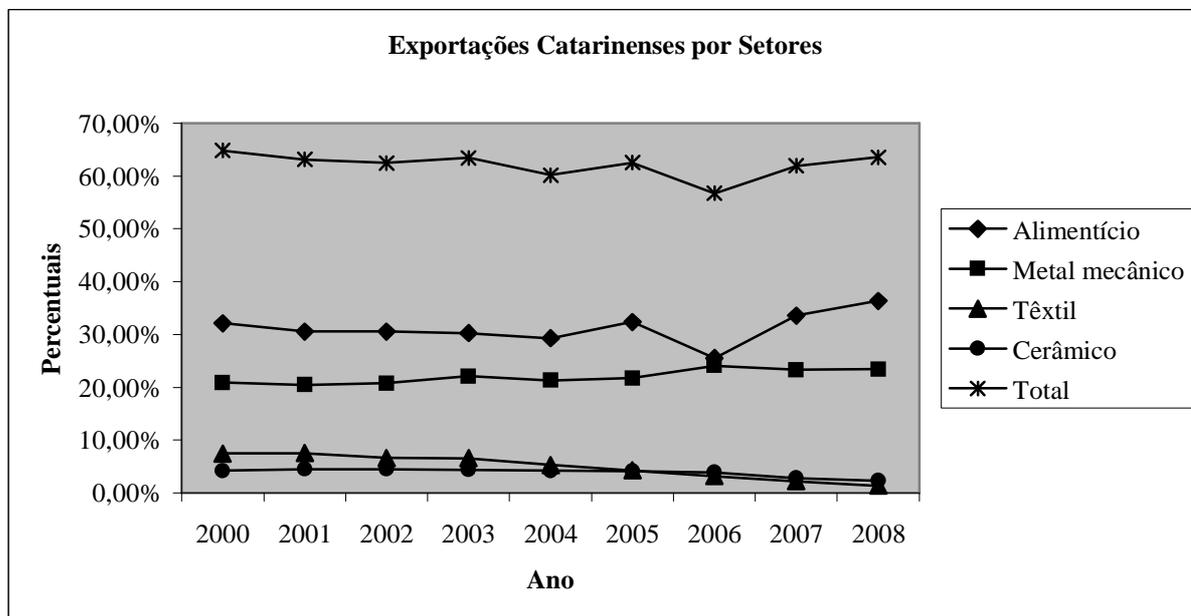
Fonte: Elaboração própria segundo dados do MDIC (2009).

Como pode-se observar, os setores estudados são os que compõem ao longo dos anos apontados, os principais produtos exportados do estado. Porém, deve-se destacar a participação crescente ao longo dos anos, do alimentício e metal-mecânico, como os que mais investiram em produtos a serem exportados. O alimentício, que mesmo sendo de baixo valor agregado, no ano 2000 representava 32,14% passou em 2008 a representar 36,36% nas exportações. O metal-mecânico por sua vez que representava no início do período analisado 20,92% passa em 2008 a representar 23,46%.

O contrário acontece com o cerâmico e têxtil, cuja participação vem diminuindo ano após ano. No ano de 2000, o cerâmico participava com 4,21%, vai reduzindo gradativamente e chega em 2008 com 2,37%. No entanto, a redução mais acentuada ocorre no setor têxtil, sai de 7,51% em 2000 para apenas 1,37% em 2008. É provável que a grande parte da diferença faltante para completar os 100% em 2008, pertença ao setor moveleiro do estado, que mesmo não sendo analisado nesse estudo deve ser destacado sua importância nas exportações de

Santa Catarina.

Figura 2 – Exportações catarinenses por setores no período 2000-2008.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos junto ao MDIC (2009).

A figura 2 evidencia que o setor têxtil é o que mais perdeu importância nas exportações catarinenses, pois sua participação volta-se para atender a demanda interna que aumenta significativamente nesse período. Já a indústria cerâmica também perde importância nas exportações catarinenses, pois, dois dos principais mercados como Argentina e Estados Unidos parceiros fortes deste setor, cortam suas compras através de estímulo na produção interna, isso faz com que empresas catarinenses, que antes visavam o mercado externo, passem a adotar medidas para incentivo ao consumo dentro do país.

Segundo Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (2007), dois fatores explicam o comportamento da balança comercial do estado no ano de 2006. O primeiro é o comportamento do Real frente ao dólar, que valorizado prejudicou as exportações, e, segundo, o número de empresas exportadoras diminuiu em relação aos anos anteriores. Segundo estudos da FIESC, no ano de 2006, ocorre uma redução nas exportações catarinenses, isso se deve ao comportamento do segmento alimentício, cuja participação reduz de 32,35% em 2005, para 25,54% em 2006. Outro fator que fez com que esse segmento seja afetado nesse mesmo ano, foi a crise dos alimentos, período em que ocorrem especulações sobre a falta de produtos em todo o mundo e um leve pânico global afeta toda a economia. E ainda inspeções sanitárias e pequenas crises no mercado externo principalmente na China e na Rússia.

A tabela 5 mostra o quanto os segmentos alimentício, têxtil, metal-mecânico e cerâmico participam nas importações catarinenses.

Tabela 5 – Participação (%) dos setores, alimentício, metal-mecânico, têxtil e cerâmico entre os 100 produtos mais importados por Santa Catarina no período 2000-2008.

Ano	Alimentício (%)	Metal-mecânico (%)	Têxtil (%)	Cerâmico (%)	Total (%)
2000	14,13	21,26	12,84	0,55	48,78
2001	16,26	17,62	7,56	0,40	41,80
2002	22,41	26,13	1,21	0,24	50,00
2003	25,84	23,39	2,02	0,27	51,50
2004	14,26	25,92	3,50	0,22	43,90
2005	10,81	32,06	3,09	0,18	46,10
2006	8,73	31,74	5,78	0,15	46,40
2007	7,65	31,29	7,64	0,16	46,70
2008	8,12	31,23	5,45	0,16	45,00

Fonte: Elaboração própria segundo dados do MDIC (2009).

Ao longo do período 2000-2008, o setor alimentício, onde incluem-se agregados para produção e produtos para consumo da população, observa-se uma redução da participação nas importações de 14,13% para 8,12%, isso se deve aos investimentos internos realizados, que fizeram com que as empresas comprassem menos produtos do exterior. Já o setor metal-mecânico, depende muito das modernizações impostas pelos países mais desenvolvidos, sua participação em 2000 era de 21,26% e passa para 31,23% em 2008. Vale ressaltar ainda que, os setores têxtil e cerâmico reduziram suas participações ao longo do período analisado, de 12,84% e 0,55% em 2000 para 5,45% e 0,16% respectivamente, em 2008, redução de mais de 50%.

O setor alimentício apresenta, no primeiro momento uma tendência crescente até o ano de 2003, acompanhando os incentivos gerados pelo Plano Real nas importações, posteriormente as importações sofrem queda, pois o setor já está fortalecido internamente e mais industrializado. A tendência do setor metal-mecânico é de comportamento crescente ao longo do período analisado, mostrando que ainda é dependente da industrialização mais acelerada dos países ricos. Tanto o setor têxtil como o cerâmico, apresentam uma participação decrescente, isso ocorre por serem setores cujas matérias-primas são cada vez mais, ano após ano, fornecidas pelo mercado interno. Cabe ressaltar que o único setor que mantém uma tendência de elevação das importações, ao longo do período em análise, é o metal-mecânico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado de Santa Catarina é bem diversificado em seu parque industrial, isso se deve a vários fatores como, recursos naturais disponíveis, mão-de-obra e colonização de imigrantes de diversas descendências. A partir dessa cenário, o presente estudo teve por objetivo verificar como a indústria catarinense se formou e como vem se comportando nos últimos anos com relação ao comércio internacional.

Foi possível verificar que a consolidação em Santa Catarina se deu pela formação da pequena produção mercantil, pela industrialização no estado de São Paulo a partir dos anos 50 e pela presença de imigrantes europeus.

O setor alimentício, em seu início sempre esteve ligado a algumas atividades agrícolas desenvolvidas por açorianos, como açúcar e mandioca, mais tarde passa a ser desenvolvido por descendentes de europeus, que se estabelecem principalmente no oeste do estado. A produção de produtos agrícolas e criação de pequenos animais era destinada para o sustento da família e o excedente comercializado, dando origem às bases da agroindústria de alimentos. Mesmo sendo um setor de pouco valor agregado em seus produtos, ainda assim as exportações aumentaram, no entanto, as importações tiveram aumento significativo, principalmente nos anos em que a moeda nacional esteve desvalorizada.

O setor têxtil forma-se a partir da iniciativa de imigrantes europeus, principalmente alemães, que se instalam basicamente nas cidades de Brusque e Blumenau, este setor ainda apresentava fácil difusão técnica, ou seja, com custo mais baixo beneficiava novos empresários que pretendiam investir nesse setor. Por ser um setor cuja demanda depende muito da renda da população, se beneficiou com o período de expansão da economia ocorrido na década de setenta, após passar por problemas nos anos oitenta, a situação se agravou com a abertura comercial. No período analisado observa-se redução da participação do setor tanto nas exportações quanto nas importações.

O setor metal-mecânico, desenvolve-se no estado a partir das atividades ervateiras e depois a construção da estrada Dona Francisca que chegaria até o porto de São Francisco do Sul. Seu impulso ocorre nos anos 60 e 70 quando Santa Catarina se integra ao projeto nacional de industrialização, com apoio do setor público no fornecimento de infra-estrutura e e com eficiência administrativa. Observou-se que suas exportações se elevam, porém, as importações mais ainda, demonstrando a preocupação do setor em buscar novas tecnologias, para atualizarem a produção nacional.

O mais novo setor analisado nesse estudo é o cerâmico, que, assim como o alimentício, crescendo a partir de iniciativas de imigrantes italianos, é um setor que vai aos poucos tomando o lugar do carbonífero, na região sul do estado. Tem sua produção fortemente ligada aos períodos de expansão da construção civil, suas exportações são reduzidas bem como as importações. A produção é redimensionada e voltada ao mercado interno.

A indústria catarinense acompanhou o crescimento da indústria nacional nos anos 80, porém, no início dos anos 90 perdeu o dinamismo em alguns setores, como têxtil e vestuário. No início do século XXI, a indústria cerâmica segue esse mesmo caminho, ambas vem apresentando quedas significativas nas exportações, perdendo espaço para setores mais dinâmicos como o metal-mecânico.

A abertura do comércio internacional e a reestruturação ocorrida na década de 90 auxiliaram no processo de inserção dos produtos catarinenses no mercado global, principalmente nos produtos do setor metal-mecânico, e ainda manteve bons índices nos produtos tradicionais, do setor alimentício, onde teve forte participação na pauta de exportações.

Observou-se também no período analisado (2000-2008), que o mercado nacional e o próprio mercado catarinense são os principais destinos dos setores catarinenses, principalmente o cerâmico e o têxtil, isso acontece, pois com a valorização do Real as importações são beneficiadas, enquanto as exportações perdem poder de mercado.

Uma importante medida adotada no Plano Real foi em seu início, o incentivo às importações através de uma moeda valorizada, isso ocorreu até 1999. No período de 1999 a 2003, a moeda se desvaloriza, beneficiando assim as exportações. Porém a partir desse período a moeda volta a ficar valorizada facilitando novamente as importações, mas como as exportações já estavam em ritmo acelerado, permanecem com bom desempenho, gerando superávit na balança comercial. É interessante notar que, a partir da análise dos dados, o comportamento da balança comercial catarinense não segue em todos os períodos o comportamento da brasileira. Enquanto que o saldo da balança comercial brasileira cresce em todos os anos, exceto em 2007 e 2008, o saldo da balança comercial catarinense reduz a partir de 2006. Nesse sentido observa-se que a participação de Santa Catarina nas importações brasileiras cresce significativamente, em contrapartida as exportações se mantêm em níveis pouco variáveis.

Outros fatores que beneficiaram as importações no período analisado, são as taxas de juros elevadas, que tinham como objetivo o controle da inflação, e, a entrada de capital externo através de IED (Investimento Estrangeiro Direto), isso determinou a valorização do

real perante o dólar, fazendo com que as importações fossem maiores que as exportações.

A indústria catarinense começa o ano de 2009, chamado ano pós-crise com retomada do comércio exterior. As importações tiveram um primeiro trimestre bem acima do esperado, o principal motivo é mais uma vez o real valorizado frente ao dólar, gerando saldo negativo na balança comercial, ou seja, importações maiores que exportações. Porém, neste período a situação é vista com otimismo, já que boa parte dos produtos exportados obtiveram aumento significativo, mostrando que esses estão competitivos no exterior mesmo com uma moeda valorizada. O Brasil foi um dos países que menos foi afetado pela crise que assombrou o mundo, com isso, resta saber qual será a tendência para a balança comercial brasileira a no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, Rosa S. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.

BELLUZZO, Luis Gonzaga; ALMEIDA, Júlio Gomes de. **A economia brasileira da crise da dívida aos impasses do real**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 411 p.

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro. Edição Comemorativa, 1988. 155 p.

CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise**: a economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: Unesp, 2002. 423 p.

CUNHA, Idaulo José. **O salto da indústria catarinense**: um exemplo para o Brasil. Florianópolis: Paralelo 27, 1992. 295 p.

DIEESE. **Indicadores econômicos e sociais na indústria metal-mecânica de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/cedoc/025256.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2009.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Diagnóstico do Setor Exportador Catarinense**. Florianópolis: FIESC, 2007.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2007. 473 p.

LACERDA, Antônio Corrêa de *et al.* **Economia brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2005. 295 p.